



# LABORUM META. UMA HISTÓRIA DAS SALAS DE CINEMA

GUILHERME CAMARA

# **Laborum meta.**

Uma história das salas de cinema.

guilherme camara

Esse livro está à venda em

<http://leanpub.com/laborummetacinema>

Essa versão foi publicada em 2018-05-30



Esse é um livro [Leanpub](#). A Leanpub dá poderes aos autores e editores a partir do processo de Publicação Lean. [Publicação Lean](#) é a ação de publicar um ebook em desenvolvimento com ferramentas leves e muitas iterações para conseguir feedbacks dos leitores, pivotar até que você tenha o livro ideal e então conseguir tração.

© 2015 - 2018 guilherme camara

# **Conteúdo**

Linha do Tempo do Cinema em Teófilo Otoni . . . . .	vi
Apresentação . . . . .	vii

1

Autor

Guilherme Ribeiro Camara

Laborum Meta.

Uma Histórias das salas de cinema.

Autor

Guilherme Ribeiro Camara

Laborium Meta. Uma história das salas de cinema.

Guilherme Ribeiro Camara  
Lagoa Santa  
Edição do autor  
2018

Todos os direitos reservados. Edição do Autor Alameda dos Ipês,  
260, Lagoa Santa, MG CEP 33.400-000 Telefone (31) 3824 6659

ISBN 978-85-915732-5-7



ISBN da obra

ISBN NÚMERO 978-85-915732-5-7

Ficha catalográfica

## DEDICATÓRIA

Dedico essa obra a minha querida esposa Anastácia que com seu convívio, parceria e amor, permite que nossos projetos e sonhos ganhem realidade e vida. Sem ela nada seria possível e com ela tudo podemos fazer. Também dedico essa obra aos meus filhos Jordan, Ana Júlia e Ana Beatriz. Sei que esse livro é uma forma de deixar uma memórias da minha trajetória para os mesmos e que as palavras desses textos possam ser uma forma de conectar esses filhos e seus descendentes comigo mesmo e para sempre. Sempre amarei todos vocês e porque vocês são a prova que tudo que fiz valeu apena. Não mudaria nada na minha vida porque só vocês já são a minha recompensa minha família querida.

**O fim das coisas**  
Carlos Drummond de Andrade

Fechado o Cinema Odeon, na Rua da Bahia. Fechado para sempre.

Não é possível, minha mocidade fecha com ele um pouco. Não amadureci ainda bastante para aceitar a morte das coisas que minhas coisas são, sendo de outrem, e até aplaudi-la, quando for o caso. (Amadurecerei um dia?) Não aceito, por enquanto, o Cinema Glória, maior, mais americano, mais isso-e-aquilo. Quero é o derrotado Cinema Odeon, o miúdo, fora-de-moda Cinema Odeon. A espera na sala de espera. A matinê com Buck Jones, tombos, tiros, tramas. A primeira sessão e a segunda sessão da noite. A divina orquestra, mesmo não divina, costumeira. O jornal da Fox. William S. Hart. As meninas-de-família na platéia. A impossível (sonhada) bolinação, pobre sátiro em potencial.

Exijo em nome da lei ou fora da lei que se reabram as portas e volte o passado musical, waldemarpissilândico, sublime agora que para sempre submerge em funeral de sombras neste primeiro lutulento de janeiro de 1928.

# **Linha do Tempo do Cinema em Teófilo Otoni**

1847 - Fundação do município de Philadelphia

1881 - Município de Teófilo Otoni é criado e o nome inicial do município é trocado.

28 dezembro de 1895 - Primeira Sessão cinema Hotel Grand Café Paris, França - Irmãos Lumiére. (citado aqui para servir como referência histórica do cinema no mundo).

29 setembro de 1897 - Nascimento de Sadi Ribeiro (29/09/1987-09/03/1971)

1897 - Primeira exibição do cinema no Brasil, Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro, Brasil (citado aqui para servir como referência histórica do cinema no Brasil)

1919 - Exibição de filmes nos fundos da casa Santo Antônio, Teófilo Otoni, MG

1924 - Sadi Ribeiro assume a administração da Casa Santo Antônio

1926 - Inauguração do Cinema Império

1928 - Inauguração do Cinema Império de Mantena

1944 - Inauguração do Cinema Vitória

1957 - Inauguração do Cinema Metrópole

# Apresentação

Convido o leitor a fazer um passeio para conhecer uma historia familiar, mas que esta muito relacionada com a historia do cinema. Isso acontece quando os nossos personagens estão muito perto do desenvolvimento da própria história geral das pessoas e eles próprios acabam sendo parte de história muito mais gerais como a história do desenvolvimento do cinema e dessa arte em nosso meio.

Você leitor, poderá encontrar no caminho os pontos que estão próximos na duas historias e que são intercessões.

Estarei em alguns momentos contando essas historias, porque acho que não seria importante contar a historia de apenas mais uma família, mas que tem devido a natureza do seu trabalho implicações também na história de vidas de outras pessoas além daquelas do núcleo familiar que citarei.

Alguns diriam que o interesse em saber essas informações seria apenas dos envolvidos ou dos membros da própria família. Eles tem razão. Só que quando essa história também conta um pouco das história e experiências de um coletivo maior de pessoas, um pouco do que aconteceu com nossos protagonistas passa a ser um pouco mais relevante porque o que contaremos também influenciou a vida de outras milhares de pessoas, portanto, tornando um pouco mais relevante os fatos que serão relatados e dessa forma interessarão um maior número de pessoas.

O cinema e o contato com a tela de projeção, os sons, os enredos, os personagens são uma maravilhosa forma de arte. Gostamos de sentar na poltrona do cinema, aguardar a luzes se apagarem e iniciar uma viagem de sensações que nos sons, imagens e histórias contadas e vistas naquela grande tela branca nos aciona mecanismos cerebrais únicos de conexões sinápticas cerebrais e que nos torna consciente de uma memória que até podia estar despercebida.

Nesse momento, lembramos de algo que achávamos esquecido. Rimos ou choramos porque aquilo que estamos vendo ou ouvindo

nos emociona de alguma forma.

As reflexões dos sentidos da vida passam em nossa mente em diversos momentos. Alguns mais reflexivos que outros, fazem isso mais de uma vez. Alguns apenas nos momentos de dificuldades lembram suas histórias, entendem os sentidos das suas ações e que muitas vezes são determinadas pela nossa trajetória de vida e porque não o nosso momento da morte.

Nós temos a faculdade de lembrar. O cinema é maravilhoso porque ele consegue gravar e armazenar essa memória ou serve como um mapa para direcionar nossos impulsos elétricos pelos caminhos das conexões dentríticas cerebrais que ativaram aquela lembrança em nossa cabeça.

O filme Cinema Paradiso (Cinema Paradiso – 1959, Itália) é um exemplo. Como que ele consegue ativar memórias e referências de nossos tempos de crianças, nossa relação com a sala de projeção, nossos primeiros amores e todos os amores, o primeiro beijo, o primeiro amigo, nossas travessuras de crianças, nossas festas e nossas dores.

Consegui assistir esse filme no cinema Pathé de Belo Horizonte e nem fazia idéia que seria uma das últimas sessões daquele cinema. Não sei sobre você, mas eu chorei nesse filme. Eu transbordei meus sentimentos e isso mostra como efetivo esse filme foi em alcançar essas memórias gravadas e escondidas no fundo da nossa alma.

Foi num dia desses e refletindo sobre a vida e tudo que me deparei com memórias felizes e recordações que muitas vezes nos fazem chorar, mas é um choro muito bom, porque ele é de saudosismo, de emoção de coisas boas que vivemos.

A vida não é apenas um conjunto de fotografias e momentos instantâneos. Ela até acontece assim, mas no final, o que fazemos é um grande filme e o conjunto desses diversos momentos e o registro da nossa própria história. Conseguimos entender uma identidade, um comportamento, no fim, os aspectos básicos que acabam constituindo as nossas motivações mais básicas de ser, de viver, de amar. Muito disso estava lá, naquelas lembranças de criança, jovem e tudo no cenário de um cinema, na magia de um salão de cadeiras na

frente de uma grande tela branca.

Como um raio que cai na nossa cabeça ou um momento daqueles que parece que você entende o propósito da sua vida, você reconhece que a sua missão foi identificada. Qual seria essa missão, meu caro leitor ? Eu tinha que preservar a memória daqueles que conseguiram construir um local tão importante na minha vida, sem falar nas lembranças e amizades com o meu avô Juaca (Joaquim Antônio Ribeiro).

A escolha do espaço do cinema como estratégia para buscar encontrar memórias serve como uma referência para organizar o pensamento das pessoas. A partir desse espaço cultural tentaremos levantar a relação das pessoas com a história e a memória dos cinemas do interior.

Não há como aproximar-se dessa memória sem tocar na história dos seus idealizadores. Joaquim Ribeiro “Sadi” passa a ser uma citação obrigatória porque provavelmente será o mais importante personagem ligado a história de alguns cinemas que marcaram a minha vida e das pessoas que pretendo tocar com essa obra. Estou falando da Casa Santo Antônio, do Cinema Império, do Cine Teatro Vitória e o Cine Teatro Metrópole.

O nome correto é Joaquim Ribeiro, mas como sempre foi conhecido como Sadi Ribeiro, passamos a gravar seu nome como “Sadi”. Como Pele que não era Pele e sim Edison Arantes do Nascimento. Nosso Joaquim Ribeiro sempre terá o seu Sadi.

Contar a história do mesmo é um grande desafio, pois estamos falando de períodos históricos muito antigos, desde a década de 20 e que carecem de registros históricos mais formais como livros, escritos, registros fotográficos e registros de jornais. Alguns desses registros e documentos eu encontrei, mas muitos se perderam ao longo do tempo, mas mesmo assim, podemos trazer um pouco de luz a essa história com o que o nosso leitor poderá conhecer ao longo dessa obra.

Esse livro tratará da história das exibições cinematográficas a partir da história de vida e profissional de um dos exibidores cinematográficos mais antigos do Estado de Minas Gerais.

Podemos disser que estamos diante de um empreendedor de sonhos, pois foi essa atividade econômica e a profissão que Joaquim Ribeiro Sadi escolheu para si. Quando mencionamos o termo “empreendedor de sonhos”, ou falando da mágica que o cinema permite que nós todos sonharmos com as inúmeras histórias, situações, mundos, amores apresentadas nas telas de cinema.

Como Teófilo Ottoni o personagem fundador da terra do “amor fraterno” que é o significado da origem grego da palavra Filadélfia, o primeiro nome do vilarejo e depois cidade de Teófilo Otoni onde a nossa história acontece. Essa biografia pode ser pesquisada em seus discursos, livros, carreira parlamentar que por si já exige a redação de pensamentos, manifestos, enfim, o registro do homem e suas convicções e palavras escritos nos livros e documentos. Já o nosso Sadi que não tinha esse hábito, deixou foram suas obras e prédios que são o registro mantido das suas realizações.

Esse projeto de memórias trouxe inúmeras surpresas como a informação que seria do meu bisavô a autoria do projeto de Lei que mudou o nome de Filadélfia para Teófilo Otoni. Será que nosso DNA estaria escrito um amor, carinho, um sentimento de saudosismo em relação aquele local que foi sonhado por pessoas tão ilustres como o próprio Teófilo Otoni e se não bastasse acabei casando com um de seus familiares e descendente. Infelizmente, essas são outras memórias que deixarei para outras obras porque não o principal objeto da minha pesquisa nesse livro.

Sadi Ribeiro nasceu, viveu naquela região e terra dos botucudos que eram os índios dentre várias etnias que moravam lá desde tempos imemoriais. Essa terra também se transformou na terra dos Ribeiros, e os ramos dessa família que transformou sua vida numa epopéia de construções e realizações. Deparei-me com a necessidade de contar várias histórias sobre o Cine Teatro Vitória e do cinema Metrópole. Tem a história do Sadi Ribeiro, dos seus filhos que poderiam ser considerados os irmãos Lumière de Minas Gerais (Roberto e Joaquim), das suas outras filhas e suas andanças por esse mundo. Os casamentos desfeitos, as novas famílias, enfim, as trajetórias de muitos, mas que nesse relato, serão abordadas quando

o fato ajudar a compreender o que aconteceu na vida dos nossos dois personagens principais, o cinema e Sadi Ribeiro. As histórias de todas as pessoas que tem uma lembrança dos cinemas de Sadi Ribeiro.



Foto Sadi Ribeiro

O desafio da caminhada por essa trajetória de recordações também visou à identificação de uma identidade de uma família e apropriação da sua própria história. Refletir sobre o passado, as dificuldades que nossos antepassados enfrentaram ver as suas conquistas só pode ser um remédio feito para nos revigorar de energia e entendermos os novos desafios e realizações que estão por vir no pequeno momento da nossa atual trajetória.

Essa identidade não fica apenas restrita e próxima ao epicentro dessa discussão. Como uma pedra que na água e transmite suas ondas por toda a superfície da água e que vai alcançando distâncias

cada vez maiores. Penso em atingir a todos que possam ser afetados por esse epicentro de recordações e memórias dos cinemas do interior. Todos têm o seu Vitória, o seu Metrópole e porque não o seu Império.

A memória cultural de um povo é um patrimônio inestimável de história e deve servir para a transmissão da cultura e da identidade de uma população para todas as gerações envolvidas com essa comunidade.

Buscar as fontes e origens de uma história cultural é um grande desafio porque mesmo que a cultura seja o retrato de um povo, ela é feita com os registros individuais de cada indivíduo que tenha colaborado com a sua construção e identidade.

A busca de um registro que pode ser fotográfico ou apenas um momento pontual e estático dessa cultura ou até cinematográfico que já exige um conjunto de quadros instantâneos é um grande desafio e só pode ser realizado de forma coletiva.

A essa busca da cultura e das memórias de um povo especialmente a região do município de Teófilo Otoni situado na região do Vale do Mucuri em Minas Gerais e que buscamos registrar com essa obra.

Têm-se um local, pessoas, histórias, fatos, memórias situadas num universo específico da representação humana. É necessário preservar esses valores culturais para que exista uma longitudinalidade dos valores e identidades dos indivíduos.

A dedicação a esse compromisso de tornar eterno essas memórias e a contribuição dos atores envolvidos é uma necessidade de criação e conhecimento próprio de cada indivíduo.

Esse se pode libertar dos fundamentos do seu ser, pois passa a entender sua história e origem. Não é conhecer apenas a história do outro, mas fundamentalmente a sua própria história.

A cultura e as novas tecnologias de disseminação de conhecimentos contemporâneas devem ser colocadas a disposição dessa memória cultural. Esses instrumentos como a Internet, blogs, emails devem ser provocados para servir a uma causa específica que é perpetuar memórias para gerações e gerações futuras.

Devemos tentar uma estratégia que posso nortear essa memória cultural. Estamos definindo um como fazer para que possamos ter a capacidade de viajar no tempo e nas lembranças e conseguir estimular as pessoas a manterem os registros de uma história e identidade que as faça refletir sobre determinantes fundamentais da natureza humana. Nossa origem, nossos afetos, nossas memórias e lembranças que podem ser eternas, pois continuam vivas e ativas em nossas elaborações mentais.

Essa estratégia ou as orientações do como fazer nos permite um caminho a ser trilhada, uma personificação viva de registros que podemos ter em nosso intelecto e que possa ser registrado para que essa memória possa constituir esse coletivo cultural que determina essa identidade de um povo.

Por isso, estabelecer essa linha de arqueológica dos nossos pensamentos, através das nossas experiências com as formas de arte do ser humano, é uma estratégia que permite essa aproximação com memórias que ficam fechadas dentro do cérebro dos indivíduos e que devem ser de uma forma histórica colocada para fora e exteriorizada para uma apreensão dos atuais mecanismos de registro ou tecnologias que tanto o homem contribui para formalizar.

Um livro, um filme, um quadro, uma fotografia, um site, um documento eletrônico multimídia, enfim, são todos instrumentos de registro e de perpetuação de memórias que devem ser utilizados para tornar imortal, a nossa vida cotidiana, as pessoas, os lugares, os sentimentos, enfim, a identidade de um povo e de seus indivíduos.

Esse livro a partir do eixo de um espaço cultural e de lazer que foi é uma sala de cinema e teatro buscará identificar esses elementos específicos e culturais de uma determinada população, mas que não ficam restritas as mesmas, pois no final, desvendaremos elementos humanos universais que apenas estão deslocados para um determinado espaço. Os atores humanos, suas relações, sentimentos acabam se tornando universais independentes da época, do local ou da distância.

Todo esse caminho tem uma direção principal. Mesmo que qualquer pessoa possa usar esse mapa ou caminho para a identifi-

cação da sua própria formação cultural essa jornada é um caminho individual para o próprio encontro pessoal desse autor com essa história cultural e com sua identidade pessoal.

A importância da identidade cultural de um espaço cultural se dá pelos valores que cada indivíduo dá para uma determinada memória. Tentamos é estabelecer uma forma de conectar essas memórias culturais.

Existe a visão do passado que ajuda a entender o presente e para futuro nos reserva a possibilidade de novas construções e desenvolvimentos. Muitas vezes no passado nos encontramos para saber o que fazemos e para assim nortear nossas ações futuras sejam pessoais coletivas ou das nossas próprias instituições.

Tudo isso precisar agregar elementos técnicos de acervos, museológicos, catalogação, parcerias para preservação e conservação, enfim todo um movimento para envolver a todos e fazer resgatar identidades e necessidades para serem reconhecidas e tratadas.

O projeto não pode apenas pensar os materiais e as coisas em si. Essas coisas apenas nos mostram como o humano é fugaz e que na verdade o valor de cada material é dado pela história que está por de traz de cada item.

A história que contaremos é um enredo de um filme e o final já posso anunciar. Vou contar o final do filme antes de assisti-lo, porque você não pode esperar. Salvem as salas de projeção, salvem as histórias das origens do cinema em sua cidade, seu bairro e sua vizinhança. Você não sabe como fazê-lo.

A sala de cinema está fechada. Transforme-a em teatro e passe a usar o espaço como um grande centro de irradiação de cultura das mais diferentes artes. No final é isso que aquele grande salão de poltronas, palcos, telas faz. Irradie raios de artes e culturas que podem atingir a todos e manter o espaço preservado e com os ideais daqueles que o fundaram. Essa passa a ser a nossa obrigação. Manter o filme rodando.

Dividiremos essa obra em capítulos com suas respectivas seções. O primeiro capítulo chamado “O cinema mundo, preto e branco. Onde Tudo começou” traz referências aos pioneiros do cinema e

como os mesmos já nos cinema do interior foram influenciados pela 7<sup>o</sup> arte. Algumas lagunas da história de Sadi Ribeiro ainda existem e talvez os relatos do que acontecia em outros cinemas do interior possam servir como referência para entender o que poderia estar acontecendo por aqui. Essa parte da nossa história buscará raízes, inspirações para entender como nasceram certas vocações para que Sadi Ribeiro atuasse no ramo de entretenimento e das artes e cultura em sua região

O segundo capítulo já retrata a história da exibição cinematográfica a partir da atividade de exibição de filmes do próprio Sadi Ribeiro. Como o mesmo atuou com mais de um século de exibição de filmes, a trajetória do mesmo, suas salas de exibição. Essas também passaram por diversas transformações e suas histórias mostram a evolução da tecnologia do cinema, ou seja, as mudanças tecnológicas que aconteciam nesse ramo de atividade econômica. Do cinema preto e branco e mudo para o cinema sonoro e colorido. A projeção habitual em tela de cinema para as inovações da projeção ampla em cinemascope. Até a projeção em 3D que seria uma “inovação” dos nossos tempos, já era testada e exibida naquelas épocas. Tudo foi objeto de inovações e mudanças para o setor de exibição de filmes. Todas as tecnologias influenciaram o produto artístico e cultural do cinema, essa cronologia de eventos que também ocorreu no próprio espaço de exibição. Do poeira para os palácios de exibição de projeção. Portanto com esse resgate histórico apenas podemos afirmar que o cinema é uma tecnologia ainda em evolução. Onde isso vai parar ainda não sabemos.

O terceiro capítulo já traz referências a casos e histórias de cinema. Como um bom livro de autor mineiro, não poderiam faltar os “causos” mineiros. O nosso tema é a sala de cinema. Como estamos em rota de extinção das salas de cinema, as memórias e histórias daqueles que freqüentaram esses espaços sejam como público ou sendo profissionais e trabalhando na própria sala de cinema precisam ser registradas e contadas para todos. Essas histórias servem para manter vivas o registro daquilo que acontecia naqueles espaços de cultura.

Finalmente, o último e quarto capítulo traz referências ao processo que foi desenvolvido para resgatar essas memórias das salas de cinema do interior. Como uma conclusão ou epílogo para aquilo que estamos assistindo do fim das coisas, apontamos para outra direção e com a possibilidade de não ter finais definitivos. Esse capítulo é uma resposta ao poeta Drummond e seu poema do fim das coisas e a todos que serão solidários ao nosso grito de pesar e tristeza pela fim das salas de cinema. Como o poeta que defende que não se deve pensar no fim das coisas, mas resistir a perda dessas coisas que tanto são importantes para a nossa bagagem cultural, nossas próprias histórias e memórias.

Alguns de nós tentam resistir aos avançados tecnológicos e a perda daqueles objetos ou memórias que fazem parte da nossa história ou referência de ser humano. As pessoas comuns, o poeta (como fez Carlos Drummond de Andrade em seu poema de despedida de algumas salas de cinema), os cineastas ou qualquer um de nós.

Quando estava levantando o acervo dos objetos dos nossos cinemas antigos de rua, encontrei muitos pedaços de filme de 35mm.

Imediatamente me veio aquela imagem do filme Cinema Paradiso (Giussepe Tornatore, Itália, 1959) que no final do filme brinda a todos com aquela sequência de beijos memoráveis e inesquecíveis dos grandes clássicos do cinema. Esse detalhe é o clímax do filme, pois mostra toda a afetividade do protagonista com suas referências do cinema. O grande cineasta contemporâneo que conta no filme a sua história de aproximação e o amor com o cinema em sua pequena cidade natal, onde o projecionista do cinema Paradiso virá o grande amigo desse cineasta. Durante anos, o cinema que pertencia ao Padre da cidade, não permitia a exibição dos beijos no cinema ou qualquer cena mais “picante”, o nosso projecionista vai colecionando essas cenas que eram sistematicamente “censuradas” e são todas reunidas na cena final com exibição das mesmas pelo cineasta já maduro e que recebe desse jeito um grande presente do seu eterno amigo.

Talvez não foi por menos que outro grande cineasta Italiano, também capturou no cinema o mesmo tipo de emoção. O outro

filme chamado Cinema Splendor (Ettore Scola, Itália, 1959) também apresentou a sua versão para homenagear o cinema. Nesse filme, o que acontece é que o projecionista acaba selecionando durante seus anos de trabalho no cinema Splendor, pedaços e sequências de filmes com grandes divas do cinema. O mesmo personagem é atraído pelo cinema por uma diva e acaba se apaixonando por todas as estrelas.

A sequencia final nos brinda com cenas dessas divas e nos remete a todo o glamour da mágica do cinema.

Essas histórias tem algo em comum que é esse fascínio pela 7º arte e como podemos homenagear o cinema e tudo que ele pode representar. Não é por acaso que esse mesmo tipo de homenagem foi feito por Joaquim Ribeiro (filho).

Voltando aos nossos pedaços de filmes, ficava intrigado, porque os mesmos não tinham qualquer imagem e isso era o que poderíamos esperar em filmes, ver os fotogramas das imagens que seriam projetadas, mas eram apenas pedaços escuros com alguns códigos que ainda não conhecia na época e que depois descobri que eram na verdade as gravações de áudio dos filmes.

Uma vez perguntei ao meu avô Juaca o por quê de tantos pedaços de filme. Ele explicou o fato da seguinte forma:

“- Olha, o que acontecia era que as vezes um filme era pequeno ou terminava abruptamente. Não esperava as luzes apagarem ou as pessoas saírem do cinema. Eu tinha que ter vários pedaços de filme para estender algumas sessões ou o próprio término do filme até as pessoas irem embora. As vezes um desses pedaços tinha uma música que podia tocar até todas as pessoas irem embora. Por isso, eu cortava vários pedaços de filmes para ajudar nisso.”

Essa seria sua homenagem para o terceiro filme dessa trilogia de homenagem ao cinema. Reunir na sequência de um filme as grandes trilhas sonoras que por si só fariam nos lembrar e nos emocionar com essa mágica provocado pelo cinema em nós.

Logo mais apresentarei uma lista de filmes básicos para os amantes do cinema. Esses filmes são obrigatórios para aqueles que querem recordar suas lembranças do cinema e foram feitos com esse

toque de homenagem ao cinema, a exibição de filmes e serve como um tributo aos grandes exibidores cinematográficos.

Não deixem de assistir a esses filmes clássicos e ontológicos.

Será muito importante ter a participação de vocês no registro de situações e histórias das salas de cinema. Não posso monopolizar essas informações e seria muito oportuno ter vocês participando desse resgate e registro da memória do cinema. Vocês podem fazer isso, compartilhando em redes sociais essas histórias e identificando tudo com hashtag [#laborummetacinema](#).

Assim poderemos mapear suas contribuições e reunir tudo em futuras edições desse nosso livro.